



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8184 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

MEMÓRIAS DE PROFESSORAS DO ALTO SERTÃO DA BAHIA

Maria Cláudia Meira Santos Barros - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: BOLSA PAC-DT/UNEB

MEMÓRIAS DE PROFESSORAS DO ALTO SERTÃO DA BAHIA

Este estudo, que faz parte da pesquisa de doutoramento em educação da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) intitulada “*Memória de professoras do Alto Sertão da Bahia*” que se destina a responder ao seguinte questionamento: “De que forma o estudo em Escolas Normais contribuiu para o processo de constituição de subjetividade das professoras participantes da pesquisa?”

A pesquisa tem como objetivo: compreender as singularidades do processo de formação docente, a partir da narrativa memorial das professoras do município de Brumado, formadas nas décadas de 1950 e 1960 nas Escolas Normais do Alto Sertão da Bahia. Busco ainda repensar através de fotos, diários, cadernos de planejamento, fatos vivenciados o sentido subjetivo implícito a cada narrativa.

Opto pela abordagem qualitativa destacando o uso da História Oral, a partir de rodas de conversa entre 15 professoras, apresentadas aqui por nomes fictícios de plantas do sertão nordestino.

Para Portelli (2016), as fontes orais são importantes e fascinantes, principalmente porque ao narrar os fatos, lhes atribuem sentidos por meio do trabalho da memória, da linguagem e sua subjetividade. Nesse sentido, deve-se ter claro que o trabalho com as fontes orais, reque a compreensão de três fatos distintos: “um fato do passado, o acontecimento histórico; um fato do presente, isto é, a narração que é feita pelo entrevistado; e um fato de relação de duração, isto é, a relação que existe e que existiu entre estes dois fatos” (PORTELLI, 2016 p. 188).

Pensada como dispositivo metodológico, as rodas de conversa propiciam o fazer-se presente, dar-se tempo e disponibilidade a escuta, ao pensar e a partilha. Assim, podem ser entendidas como um processo dialógico, onde as pessoas vão apresentando suas elaborações, endossando, discordando, complementando ou instigando a fala do outro.

O campo de estudo da memória é abrangente e multidisciplinar e a cada dia novos conhecimentos e perspectivas epistemológicas vão surgindo. Nesse sentido, Bergson (2006)

traz ideias originais e polêmicas. Seu pensamento está fundamentado na afirmação da possibilidade do real ser compreendido pelo homem por meio da intuição da duração uma vez que o autor acredita e afirma a realidade do espírito e que o tempo não pode ser medido em intervalos, e se o é, é por artifício de uma convenção, pois afirma que a mensuração do tempo é incompatível com o tecido do real, e que o mesmo deve ser compreendido como sucessão, continuidade, mudança, memória e criação.

Neste sentido, no estudo de Bergson ressalta-se portanto a subjetividade pura (espírito) e a pura exterioridade (a matéria). O fluxo de nossa consciência é contínuo e não se esvai, é sentido por nós, em nossa pele. É uma experiência concreta e não imaginada, fantasiosa, e se dá em sequência de momentos fluidos e ininterruptos que não se repetem tal qual o tempo do relógio.

É no tempo da consciência que para Bergson, passado, presente e futuro se misturam e não há como separá-los. A duração torna-se conceito elementar na teoria bergsoniana onde a memória é duração. E a percepção humana em relação a duração é subjetiva, variável, intuitiva.

Assim a subjetividade é que importa. Passado é algo imediato que se dá no instante presente, é aquilo que fica sensorialmente no corpo humano, a recordação, a lembrança carregada de sentidos. E o futuro é o movimento dessa ação.

Foi a partir de Halbwachs (2003), que cunhou o conceito de “memória coletiva” uma vez que para ele as memórias de um indivíduo nunca são só suas e nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade. Nesta perspectiva para Halbwachs (2003) a memória uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, pois se materializa nas relações experienciadas nos grupos sociais, ou como ele denomina nos marcos sociais da memória.

Dessa maneira, para lembrar é necessário que o nosso pensamento não deixe de concordar com os pensamentos dos outros membros do grupo. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados que estejam em nosso espírito e também no dos outros, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2003, p. 34).

A memória, portanto, não é neutra, mas seletiva e dinâmica e não está cristalizada no tempo passado, é viva e a cada momento pode ser reinventada. A lembrança do passado é influenciada pelo tempo presente daquele que lembra. É a memória que permeia a relação do presente com o passado, e, ao mesmo tempo, interfere no curso atual das representações. São as memórias e as percepções atuais do vivido que influenciam diretamente na forma como a entendemos e pensamos sobre elas, ajudando a configurar o presente.

Nos relatos, as professoras destacam além da amizade e do companheirismo existe entre elas - que persiste até os dias atuais - a rigorosidade da escola normal onde as aulas eram expositivas e de apontamentos ditados ou copiados do quadro de giz.

Para Juazeiro,

Foi um tempo bom! Amizades verdadeira! Muita cumplicidade em um tempo difícil. As paqueras, inocentes de onde saíram casamentos. Um tempo que não me sai da memória. Apesar das dificuldades, era um tempo de muita cumplicidade, onde se dividia o pouco que se tinha [...] Os professores eram muito zelosos, responsáveis. Tinha muita disciplina, obediência e muito rigor, responsabilidade. (JUAZEIRO, 2018).

Segundo Caatingueira,

Oh saudade do meu tempo de Escola Normal! Das colegas! Da casa das freiras! Tudo desmanchou. Só tem lá o salão nobre, onde faziam as festas. Foi um tempo muito bom. Aprendíamos nem que fosse na marra. Não tinha livro, era tudo copiado, passado a limpo com capricho [...] Nós eramos amigas mesmo. Até hoje a amizade existe. As paqueras, [...]. Ficar passando ao lado do portão do pátio dos garotos. Bilhetinhos. Caminhar de mão dada pra lá e pra cá, “namorim besta” (CAATINGUEIRA, 2018).

Bromélia, complementa as lembranças das amigas, enfatizando a rigorosidade dos professores, a falta de livros e endossando o coleguismo entre os estudantes,

Os professores da Escola Normal eram rigorosos [...] na sala de aula fazia-se muito silêncio. Alguns faziam apontamento no quadro e a gente copiava. Era comum emprestarmos os cadernos, completar os apontamentos um dos outros. Todos os colegas se davam bem. Fiz boas amizades. Não tinha quase nenhum livro, mas quem tinha emprestava para que pudéssemos copiar o assunto. (BROMÉLIA, 2018).

É importante ressaltar que criamos um grupo de whatsapp, e aquelas que não tinha acesso a tal aplicativo no celular trocamos algumas correspondências. No entanto, durante a pandemia as conversas através do whatsapp se intensificaram, mas nem todas participaram por não possuírem celular e não terem nenhum contato com tais tecnologias (computador, celular, etc.).

Apesar de estarmos diante do século das comunicações e disseminação das redes sociais e acesso aos mais avançados meios midiáticos, há ainda um grande número de pessoas que não se insere a esse perfil, dando prioridade aos meios mais tradicionais como ligações telefônicas e a troca de correspondência o que assentimos com prazer compreendendo a necessidade de cada uma das nossas colaboradoras.

Diante das rodas de conversas realizadas até aqui, dos contatos via whatsapp das correspondências e telefonemas, além dos estudos bibliográficos, percebe-se a relevância desse estudo para o Alto Sertão da Bahia uma vez que contribuirá com o processo de construção e registro histórico e seu contexto sócio, histórico e cultural.

Palavras-chave: Sertão da Bahia. Escola Normal. Professoras. Memória; Pandemia.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Duração e simultaneidade:** a propósito da teoria de Einstein. São Paulo, Martins Fontes: 2006.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva.** São Paulo: Centauro. 2003.

PORTELLI, A. **A história oral como arte da escuta.** São Paulo. Letra e Voz. 2016.